ANO XXXII NÚM. 8

AGÔSTO DE 1954

Horizontais:

1. De onde se faz o vinho
3. Um milheiro
5. Dorival Inácio Pereira
8. Menina peralta
9. Porte
12. Lado
13. O que indica a gravura (invert. sem a última)
14. Que faz o rato?

Verticais:

1. Dar a última ordem
2. Além
3. Irmã de Lázaro
4. Encaminhar-se
6. Está alegre (invert.)
7. Temor
10. Metade de *alto*
11. Existe

——oOo——

Respostas de agôsto

Horizontais:

1. Uva
3. Mil
5. D I P
8. Arteira
9. Tamanho
12. Ala
13. Tar (rat-o)
14. Roe

Verticais:

1. Ultimar
2. Adiante
3. Marta
4. Ir
6. Ir (ri)
7. Pavor
10. Al (to)
11. Há

Bem-Te-Vi

ANO XXXII ★ REVISTA MENSAL — Matriculada conforme o Decreto-lei n.º 24.776 de 14 de Julho de 1934 ★ NÚM. 8

Assinaturas avulsas { 1 ano ..... Cr$ 25,00 / 2 anos .... Cr$ 45,00 / N.º avulso . Cr$ 3,00 • Assinaturas em grupos de 10 ou mais, Cr$ 15,00 cada • Grupos de 10 a 29 receberão uma assinatura gratis

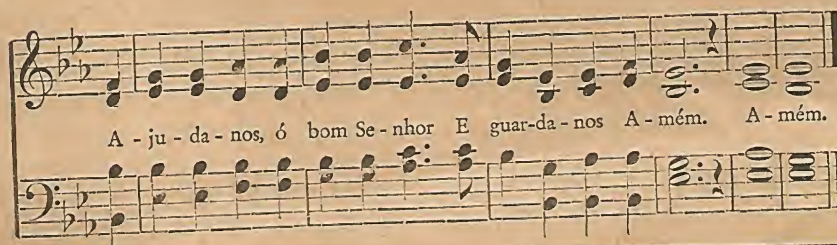
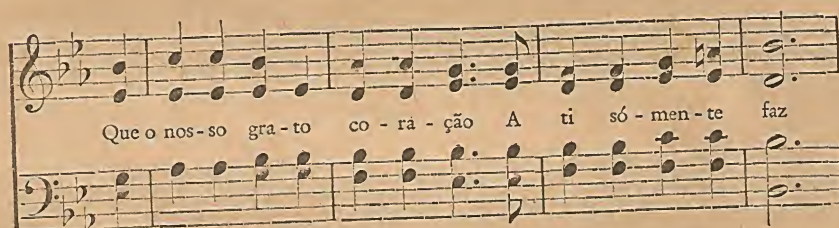
Nos grupos de 30 ou mais, o agente receberá uma coleção encadernada no fim do ano

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi" - Caixa postal 8051 - S. Paulo

Redação e oficinas: Av. da Liberdade, 659

Gerente responsável: Fernando Buonaduce ★ São Paulo, agôsto de 1954 ★ Redatora: Hagar Aguiar Caruso

UMA ORAÇÃO

D. A. Jacobus

UMA PALAVRA AMIGA

ÀS vêzes é boa coisa a gente ter mêdo. Papai e mamãe têm mêdo de fazer certas cousas: mêdo de passar na frente de um carro em movimento; mêdo de correr numa calçada molhada; mêdo de cair na água sem saber nadar... Qualquer pessoa teria mêdo de fazer tais cousas. Ela sabe que não estaria a salvo.

Quando você era pequeno, a mamãe tinha mêdo de deixar um alfinête aberto ao seu alcance. Ela sabia que você podia machucar-se com êle. Quando você começou a engatinhar e a dar os primeiros passos, ela começou a ensinar-lhe a distanciar-se de certas cousas e lugares por mêdo que você se machucasse. Você mesmo não temia tais perigos.

À medida que você foi crescendo, foi aprendendo sôbre êsses perigos e como afastar-se dêles. Mas nem sempre você tem em mente essas cousas. Às vêzes a vontade de fazer alguma cousa fá-lo esquecer os perigos, e assim você não os teme. Até uma pessoa crescida, que conhece os perigos que devem ser evitados, interessando-se muito por algo que queira fazer, está sujeito a esquecê-los e deixar de tomar os devidos cuidados.

Indo para a escola, à medida que você vai crescendo, vai aprendendo também mais cousas que podem ser perigosas. Você aprende também novas maneiras de se defender dêsses perigos; mais meios de se pôr a salvo.

Mas ao aprender os novos meios de defesa, e ao praticá-los, você nota que não sente a mesma espécie de temores que sentia quando era pequeno, quando um grande barulho ou uma pessoa estranha ou um animal lhe assustava. Nessa ocasião, você corria, tremia, gritava — você sofria terrìvelmente até que sua mamãe ou papai lhe protegesse. Você foi aprendendo gradualmente que algumas dessas cousas não o magoavam.

Mesmo depois de você crescido, algumas experiências novas o assustavam. Elas o assustavam uma ou mais vêzes até que, gradualmente, você foi aprendendo a não as temer.

E assim você aprendeu que algumas cousas podiam magoá-lo, e outras não.

Mas à medida que você foi crescendo, tornando-se mais e mais velho, os temores violentos foram desaparecendo. Você ainda pode ter algum mêdo de certas cousas que alguma vez o deixaram terrìvelmente assustado.

Tôda criança tem ânsias de crescer e faz questão que todo mundo veja que ela está crescendo. Agora, uma boa maneira de provarmos que estamos crescendo é mostrarmo-nos menos medrosos, cada vez mais livres dos grandes temores, mas também cada vez mais racionalmente cuidadosos.

Quando você era criança, seus pais e outras pessoas que o amavam, ajudavam-no quando você estava terrìvelmente assustado. Êles o confortavam e faziam-no sentir-se seguro. Imaginemos que êles zombassem de você. Suponhamos que êles tentassem assustá-lo ainda mais. Que acha você?

À medida que alguns meninos e meninas vão crsecendo, vão se esquecendo dos seus sustos e temores no tempo passado. E êles muitas vêzes procuram assustar as crianças por simples diversão. Você já não viu um menino ou menina divertir-se assustando um menor com uma cobrinha ou minhoca, ou contando tôda sorte de histórias impressionantes? Você já notou o sofrimento da criança que está sendo molestada? Será que o sofrimento de uma criança faz você feliz? Você já tentou divertir-se em provocar sofrimento a alguém? E se êsse alguém fôr muito mais novo que você, não será você um desumano se assim proceder?

Eu gostaria de pensar em nossos amiguinhos procurando ajudar aos menores a se livrar dos temores; a sentir cada vez mais, menos mêdo infundado para que êles se sintam seguros na vida como você se sentia ao lado do papai e mamãe quando pequeno.

A CRIANÇA

JOSE' DE OLIVEIRA

Antigamente a Criança
Não tinha nenhum valor!
Era uma "coisa qualquer"
Que o "pai" podia dispor!...

Crianças fracas, doentias,
Tinham suas horas contadas...
Eram mortas ao nascer
Ou, então, abandonadas!

Só as crianças robustas
Podiam viver na terra!
Mas, sob o jugo do Estado,
Que as preparava p'ra guerra!

Foi preciso que Jesus
Nascesse como Menino,
Para ensinar aos malvados
O valor de um pequenino!

Mais tarde, o Mestre reafirma
Aos grandes e ao poviléo:
— "Os pequeninos são meus,
Dêles é o Reino do Céu."

Esta lição despertou
A consciência adormecida!
E muita gente, hoje em dia,
Trata da Infância querida.

Assim, já têm os petizes,
— Que são da Pátria a Esperança —
Hospitais, creches, escolas
E a "Semana da Criança!"

A História de Dois Perus

1. Tim e Tom eram perus e moravam num terreiro. Tom vivia estufado de orgulho. Mas Tim era diferente. Falava pouco; mas enxergava longe, ouvia e entendia muito bem; era muito humilde.

2. Moravam juntos, como disse. Mas Tom era cheio de orgulho. A hora da refeição, êle empurrava Tim para o lado e comia todo o alimento, sòzinho, escolhendo o melhor para si. Por isso. Tom ia se tornando gordo e bonito. Ao pobre Tim, restavam sòmente as migalhas; mas êle servia-se delas, cheio de gratidão.

3. E então, um dia chegaram dois homens e viram Tom e Tim. O primeiro disse: "Aquêle magrinho não está servindo, não. Não ficará bem na mesa da Rainha. Mas aquêle gorducho!... Nunca vi tão bonito e tão próprio para um banquete!"

4. Tim disse ao Tom: "Aquêles homens querem você para a mesa da Rainha. Êles naturalmente não me querem rem, pois sou tão magrinho". Agora, o gorducho Tom era orgulhoso demais como já dissemos. Por isso virou as costas ao pobre Tim e continuou a servir-se melhor ainda das refeições.

5. Tim comia as migalhas em silêncio quando os homens voltaram de novo. Então êle cochichou: "Corra, Tom! Os homens estão aí!"

Mas Tom estava terrìvelmente pesado — estava gordo demais para poder correr. Agora no terreiro só havia um peru, sim senhores!

6. E êsse era o Tim que, como vocês sabem, era muito humilde. Agora êle tinha oportunidade de se orgulhar, não é? — Mas assim não o fêz. Também tinha oportunidade de comer bastante; mas também não foi assim. Êle come estritamente o necessário para se alimentar e sentir-se bem. Êle leva uma vida calma e feliz.

UM DIA ESPECIAL

MARIA ELENA tinha certeza de não gostar do Jardim da Infância.

Mamãe dissera-lhe que lá ia ter muitos amigos para brincar. "Eu hei de gostar da escola", pensou ela; "pois não tenho ninguém em casa com quem brincar".

Era já a terceira semana de Maria Elena no Jardim. Não conseguira ainda fazer amizades, e nem mesmo brincar com os colegas. "Êles não são amigos, nem um pouco", pensou Maria Elena.

"Bom dia, Maria Elena", disse D. Sara, a professôra do Jardim. "Como passou você o domingo?"

Maria Elena cerrou os lábios, e não foi apertar a mão da professôra. Segurava firme um saquinho de balas de goma. "Eu não vou repartir com êles", pensou. "As balas são tôdas minhas!"

"Por que mamãe me fêz vir à escola hoje!" continuou ela pensando. "Eu preferia ficar em casa e brincar só a estar aqui."

D. Sara parecia não haver percebido a atitude agressiva que havia entre as crianças e Maria Elena. "Você quer pendurar seu casaquinho, Maria Elena?" perguntou a professôra. Maria Elena continuou calada.

"D. Sara!" chamou Ari do outro lado da sala. "Veja o palhaço que eu colori!"

D. Sara encaminhou-se para a mesa onde Ari estava colorindo.

"Muito bem! está bonito, Ari. Vamos guardá-lo para a nossa exposição no fim do ano!"

Estava muito quente na sala. Maria Elena, sentindo calor, tirou o casaquinho e foi pendurá-lo no cabide. Colocou depressa o saquinho de balas dentro do bôlso do casaco.

Um grupo de crianças construía um barco de blocos. Divertiam-se com isso. Maria Elena encaminhou-se para o grupo para brincar com o navio.

Capitão Ari gritou: "Faça o favor de sair do meio! Quer ser levada pela correnteza? De qualquer modo, você não pode andar sôbre a água", disse êle.

"Eu quero brincar", disse Maria Elena. "E eu quero ser o capitão e fazer caminhar o barco sòzinha, só eu!"

"Não, você não pode brincar", disse Ari; "você é muito mandona."

"E você é muito chorona", disse um outro.

"Vamos, vamos daí!" disseram as outras crianças; "você não pode brincar no bote conosco."

"D. Sara!" reclamou Maria Elena. "Êles não me deixam brincar no barco. E eu quero ser o capitão!"

"Bem, Maria Elena; Ari é o capitão por enquanto. Mesmo assim, se você pedisse com boas maneiras, talvez êle lhe cedesse o lugar."

"Não!" disse Maria Elena arrogante. "Se eu não fôr o capitão, não quero brincar."

Nesse instante Maria Elena viu Cari brincando com uma boneca na casinha, no canto da sala.

Maria Elena encaminhou-se para lá e tentou arrancar a boneca das mãos de Cari.

"Eu peguei a boneca primeiro", dizia Cari. "Você não pode me tomar!"

Houve então uma verdadeira luta. Maria Elena, que era maior e mais forte, tomou a boneca. Cari começou a chorar.

D. Sara, que observava a cena, encaminhou-se para lá, mas antes dela chegou o Ari correndo. Tomou a boneca de Maria Elena e entregou-a a Cari. Depois virou-se para Maria Elena e disse: "Costumamos *pedir* para repartir os brinquedos do Jardim."

D. Sara tocou a música "Descansar" ao piano.

Todos se movimentaram guardando os brinquedos. Depois assentaram-se no tapête, junto de D. Sara; todos, exceto Maria Elena que continuou no canto da casinha.

As crianças cantaram "Oh, que bom um amiguinho ter". Maria Elena não cantou. Estava quase chorando.

D. Sara chamou: "Maria Elena, você não quer juntar-se a nós?"

Maria Elena não respondeu. As crianças começaram a cantar: "Maria Elena é chorona! Maria Elena é mandona!"

Maria Elena engoliu as lágrimas. D. Sara abriu o livro de histórias.

Plínio ergueu a mão. "D. Sara, podemos ouvir a história de Ana Maria hoje?"

À medida que D. Sara lia a história, Maria Elena foi-se tornando interessada. Aos poucos foi-se aproximando do tapête e sentou-se ao lado de D. Sara. Esta passou o braço ao redor do pescoço da pequena. Ela se sentiu melhor.

"Interessante; a pobre Ana Maria é bem parecida comigo", pensou. "E ela está encontrando dificuldades em fazer amigos."

D. Sara leu sôbre a maneira como Ana Maria agiu para fazer amizades: repartindo seus brinquedos e sendo bondosa.

Nesse instante Maria Elena lembrou-se do saquinho de balas de goma. Quando terminou a hora de histórias, Maria Elena cochichou alguma cousa ao ouvido de D. Sara.

"Sim, Maria Elena, é uma boa cousa que você faz", respondeu D. Sara.

Tôdas as crianças lavaram as mãos e estavam prontas para a merenda.

Maria Elena virou-se para D. Sara: "Agora, D. Sara?"

"Sim, Maria Elena."

Maria Elena levantou-se depressa e foi para o cabide. Tirou do bôlso do casaco o saquinho de balas.

Parando no lugar de cada criança, foi deixando duas balas ao lado do respectivo guardanapo.

Os meninos e meninas ficaram radiantes. Balas, só eram servidas em dias especiais.

Ari olhou para Maria Elena de um modo significativo.

"Você poderá ser o capitão do barco amanhã, Maria Elena", disse êle.

Maria Elena voltou-se para o Ari. "Como é bom ter amigos", pensou. "Eu gosto da escola."

●

DUQUE DE CAXIAS

JOSE' DE OLIVEIRA

Neste "Dia do Soldado",
— Diferente de outros dias —,
Com respeito homenageamos
Nosso DUQUE DE CAXIAS.

Quantas revoltas tremendas
Com a espada êle enfrentou!
Mas as mais belas vitórias
Pela palavra alcançou!

Sempre agindo com prudência,
Sérios motins dominou!
E as Fôrças Brasileiras,
Com carinho sempre honrou.

Seu nome é, por nós lembrado
Com respeito e gratidão:
— Seu caráter pacifista
Unificou a Nação!

O patriotismo ardoroso
Dêsse ilustre Marechal,
Fê-lo querido "Patrono"
Do Exército Nacional!

JOÃO SUJINHO

(Laura Richards)
Adaptação de *Elza de Moura* para o
Teatro de Máscaras

Personagens:

João Sujinho —
(menino sujo e desgrenhado)
Fada Limpeza
Coelho
Patinho
Cachorro
Porco (ou outros bichos)
O menino e a fada não usam máscaras.

NARRADORA: — Meus amiguinhos, vocês devem conhecer algum menino parecido com o João Sujinho. Não são exemplos raros, pelo contrário, há muitos assim. Pois bem, o João Sujinho, nunca se viu nome tão bem assentado! não gostava de tomar banho, deixava os livros espalhados, usava unhas compridas e escuras, enfiava os dedos nos potes de doce, não se penteava, enfim era uma criatura desleixada. Vivia só, porque os meninos limpos não queriam o João Sujinho para companheiro.

Um dia, João Sujinho saiu de casa e veio para o jardim, sentando-se no chão. (*Entra o João*) Reparem como está descuidado. E' pena, porque o João é um menino bonito. Lá estava êle, distraído, quando chega a Fada Limpeza, cantando:

FADA: Há nesta terra tão linda
Um menino feioso,
Porque é sujo e rebelde.
Oh, que Joãozinho teimoso!

—Bons dias, João. Passei pelo seu quarto e... que horror! sapatos espalhados, roupas sujas na cama... Isso é demais. Vá brincar com seu irmão, enquanto vou arranjar seu quarto.

JOÃO SUJINHO — Mas eu não tenho irmão! Sou filho único!

FADA — Tem sim. E' possível que você o não conheça, mas espere um pouco que êle virá brincar com você.

JOÃO SUJINHO — (*Saltando*) Que bom, não sabia que tinha um irmãozinho. Vou brincar com êle o dia inteiro.

FADA — Pois espere aí. Enquanto isso, vou fazer uma boa limpeza no seu quarto. (*Sai cantando*):

Todo limpo e direitinho
Vai ficar o seu quartinho.
Não sou eu Dona Limpeza?
Veja depois: uma beleza!

NARRADORA — João Sujinho ficou só, à espera do desejado irmãozinho, imaginando mil brinquedos para fazer com êle: amassar barro, rabiscar a parede com carvão, atirar bolotas de argila pelo jardim e outras coisas mais. E nada de ficar lavando as mãos a tôda a hora, e muito menos usar sabão. Estava pensando nisso, quando apareceu um lindo coelhinho.

JOÃO SUJINHO — (*Levantando-se depressa*) Olá! Bom dia, coelhinho, estou à sua espera.

COELHO — À minha espera? Para quê?

JOÃO SUJINHO — Não é você o meu irmãozinho? Venha brincar comigo!

COELHO — Seu irmão? Que idéia!... Onde já se viu absurdo tão grande! Eu, irmão de um menino sujo? Já me vou depressa.

JOÃO SUJINHO — Não, coelhinho, venha brincar comigo!

COELHO — Veja meu pêlo limpinho e bem cuidado; minha casa é limpa. Ser seu irmão? (*Dá uma gargalhada e sai cantando*):

Essa é boa:
Ser irmãozinho
De um menino
Tão sujinho!

NARRADORA — Lá ficou sòzinho o João Sujinho, pensando que o coelho não fôra gentil, mas o coelhinho tinha razão. O menino ficou à espera do desejado irmãozinho. Pouco depois, apareceu um alegre patinho.

PATINHO — Quá, quá, quá!

JOÃO SUJINHO — Bom dia, patinho, estou esperando-o. Você é meu irmão.

PATINHO — Ora só, que tolice! Eu, um lindo patinho, limpo, que dá a vida para um gostoso banho, ser irmão de um menino sujo? Não, meu caro, você está enganado. (*Sai cantando*):

Era só o que faltava
ser irmão dêste coitado,
que não gosta de limpeza.
Que fique aí sentado!

NARRADORA — Ficou o João Sujinho novamente só e muito triste. Não tardou e chegou um cachorrinho.

JOÃO SUJINHO — Desta vez não pode falhar. Deve ser êle, o meu irmão. Bom dia, cachorrinho!

CACHORRO — Bom dia! Quem é você?

JOÃO SUJINHO — Sou o João Sujinho e creio que você é o meu irmão.

CACHORRO — Irmão? Não tenho irmão sujo. Minha família é tôda limpa. Nossa casa é um modêlo de limpeza. Não, meu menino, fique aí com o seu descuido. (*Sai cantando*):

Vivo alegre, tão feliz,
Tendo tudo bem limpinho.
Faça assim, ó meu menino,
Que será bem bonitinho!

NARRADORA — Quando o cachorro desapareceu na curva do caminho, o menino sentou-se, muito desconsolado. O coelho, o pato e o cachorro voltaram, cantando alegres, enquanto o pobre João ficou de lado. Ninguém o queria. O menino, com as mãos no queixo, ficou ouvindo o canto dos bichos:

COELHO, PATO e CACHORRO:

"O' querida primavera,
Os jardins vem enfeitar,
Vem abrir as lindas flôres
E os bichinhos alegrar."
Vamos, vamos, companheiros,
Pela vida, alegremente,
A limpeza traz saúde
Para nós e tôda a gente. (*Saem*)

NARRADORA — O menino ficou tão triste, que começou a chorar, escondendo o rosto com as mãos, e não viu quando se aproximou um porco, grunhindo. Ergueu o rosto, viu o porco, mas nada perguntou. O porco foi logo dizendo:

PORCO — Olé, meu irmão!

JOÃO SUJINHO — Meu irmão? Vá se olhar no espêlho e veja se se parece comigo.

PORCO — Pareço demais. Não vê você como estamos sujos? Venha para o meu chiqueiro e lá podemos nos divertir muito: há muita lama, muita água suja. Vamos já. (*Procura arrastar o menino*) Há muito farelo e você pode comer comigo.

JOÃO SUJINHO — (*Chorando*) Mas eu não quero ir, não quero comer farelo...

FADA — (*Aparecendo*) Que barulho é êsse? João, já acabei de arrumar seu quarto e você deve conservá-lo limpo, a menos que queira acompanhar seu irmão porco.

JOÃO SUJINHO — Não quero ir para o chiqueiro, quero ir para o meu quarto limpo. (*Sai com a Fada*).

PORCO — Melhor para mim, porque assim sobra mais farelo. E' melhor ir andando para o meu chiqueiro. (*Sai*).

NARRADORA — João tornou-se um menino limpo e possuía muitos amiguinhos. Os animais limpos gostavam do João, que já não era mais chamado João Sujinho. Querem vê-lo como está agora? O brinquedo predileto de João e seus amiguinhos era o de soldadinho. Com que garbo cantavam e marchavam:

(*João, o coelho, o pato e o cachorro, de boné de papel e carabina de pau, desfilam cantando*):

"Plan, é o toque de tambor
no batalhão escola
êle toca assim:
rataplan, plan, plan,
rataplan, plan, plan,
rataplan, plan, plan, plan, plan".

(Aulas de canto orfeônico —
Judith Morisson Almeida)

★ ★ ★

DOIS MODOS DE FALAR

FOMOS visitar duas das praias em Caraguatatuba: a Prainha e Martim de Sá. Lá chegando, ao lado da beleza encantadora do mar, vimos também as maravilhosas conchas de côres e tamanhos variados, enfileiradas em montículos na areia, formando nela um imenso rasto branco. Não levamos nada para recolher as conchas. Fiquei triste por não poder trazer para casa uma boa porção dessas conchas... O meu ímpeto foi reclamar com a pessoa que nos levou até lá: "Por que você não me avisou que tinha tanta concha bonita nestas praias?"

Mas, felizmente mudei a maneira de falar para: "Que pena! eu não sabia que havia tanta variedade de conchas. Não trouxe a sacolinha para guardá-las!"

Notam a diferença? A mesma cousa dita de um modo suave que não magoe uma terceira pessoa.

Para Você Colorir

O PESCADOR

Vamos fazer um quadro dos três homenzinhos interessantes que foram para o mar num barco. Primeiro, faça o desenho indicado aqui. Pode colorir as figuras e recortá-las. (Tudo em cartolina).

O que segura a vela tem o paletó azul, calça branca e chapéu azul. O do meio, tem a blusa vermelha. Se avental é branco. Sua calça, prêta O cozinheiro tem o gorro e o avent brancos. Sua blusa é amarela. O ro to e as mãos dos homens são côr d carne.

O barco é marrom; a vela é branc com um mastro marrom; a bandei

Aprendendo a ver a Deus atravez da natureza

é amarela com os símbolos vermelhos. A água é azul claro; o céu também de um azul claro e nuvens brancas. O peixe é de um verde-amarelo brilhante.

Depois de você haver colorido e recortado seus desenhos, cole-os numa cartolina de 32 x 45 cms. Veja o modêlo abaixo.

Está pronto o quadro para enfeitar o seu quarto ou para presentear um amigo ou amiga doente.

Os Feitos de Dedé e Didi

1. "Vejam estou nadando! Estou nadando!" grita Dedé. "Vejam o sabão espumando! Parecem as ondas no mar!"

2. "Mamãe diz que um bom banho, calmo, justo à hora de se ir para cama, faz a gente dormir bem!" Diz Didi enquanto se ensaboa com o seu sabão favorito.

3. "Eu cheguei a tempo", diz o pai de Dedé. "Eu ia dar um mergulho; mas escorreguei e bati a cabeça no lado da banheira!" diz chorando o Dedé.

1. Tanta coca-cola gelada, não lhe deve fazer bem", diz Tonico ao Dedé.

2. "Esta água é saborosa", diz o Didi. "Vou descansar um pouco e sorvê-la lentamente."

3. "A senhora tem que prendê-lo na cama por alguns dias", diz o médico à mãe de Dedé.

1. Eu gosto de viajar com a cabeça e os braços para fora da janela!" diz o Dedé.

2. "Eu vou contando quantas casinhas de sapé eu vejo à beira da estrada".

3. "Didi sabe se portar num carro. Vamos levá-lo conosco nesta viagem", diz o papai.

PÁGINA DOS LEITORES

AS BORBOLETAS

Há na natureza, insetos e animais interessantes.

Um dos insetos mais interessantes é a borboleta. Mimosa e frágil, com suas asinhas que mais parecem de sêda, a borboleta pousa sôbre as belas flôres que desabrocham na primavera.

Há borboletas de várias côres: azuis como o céu, amarelas como o ouro, brancas como o lírio, e ainda algumas pintadinhas como morangos.

Nos belos dias de sol, as borboletas voam de flor em flor nos jardins e campos.

Como admiro a agilidade dêstes pequeninos sêres! Parecem pequeninas fadas balouçando-se ora sôbre uma rosa, ora sôbre um belo cravo vermelho.

E há pessoas que aprisionam as pobres borboletas em rêdes próprias, ou ainda espetam-lhes alfinêtes e as pregam nas paredes para "embelezar".

Os meninos que já estão na escola devem lembrar-se que as borboletas foram feitas para voarem livremente pelos campos e jardins, e não para serem maltratadas por pessoas más.

Zara Valmi M. Cardoso
Chapecó — Santa Catarina
12 anos

A AURORA

O dia aos poucos vai clareando,
O orvalho acaricia as flôres,
E os pássaros, alegres, acordando
Cantam ao Santo Deus louvores.

Por detrás de um verde e longínquo
monte,
Entre nuvens amarelas e azuis,
Lá... bem ao fundo do horizonte
Vem surgindo o sol com sua luz.

Os seus raios pouco a pouco vêm surgindo
Irradiando seu fulgor no céu tão belo!
E à terra, êles vêm se conduzindo
A reluzir na relva em tom singelo.

O seu disco doirado se levanta
Do leito, que há tanto repousara,
E o homem a trabalhar, alegre canta
Em homenagem à aurora que chegara.

Paulo César Vieira dos Santos
14 anos — 2.ª série ginasial

A CIDADE AMIGA

MARINA gostaria que ela, mamãe e papai não tivessem nunca mudado para esta cidade estranha. Não era nada interessante viver num lugar onde não se conhecia ninguém. As crianças, olhando pasmadas para ela, enquanto andava pela rua. Um cachorro veio farejar-lhe o vestido.

Até mesmo as árvores, as casas, eram estranhas para ela. No campo, as árvores eram suas amigas. As casas, embora longe uma da outra, abrigavam pessoas conhecidas e amigas. Aqui na cidade, ela não conhecia ninguém.

Havia meninos e meninas pela rua; mas ninguém lhe falava uma só palavra. No campo, todos conversavam, mesmo não se conhecendo.

Marina ia para o armazém comprar um quilo de pão. Mamãe ensinara-lhe o caminho. Marina tinha certeza de não errar.

Mas, a volta, foi diferente. Não havia meios de se lembrar como havia vindo. Não podia nem pensar na direção a tomar. O grande cão veio correndo ao seu encontro novamente. Marina estava confusa. Não conseguia orientar-se.

"Vou andar aqui por perto um pouco", resolveu Marina. "Provàvelmente encontrarei uma rua que pareça mais amiga. Então, talvez, eu encontre o meu caminho."

Por um longo tempo Marina andou.

"Estou perdida!" ela parou e olhou ao seu redor com olhos arregalados e cheios de pavor. "Que farei? Não chegarei em casa para o jantar."

Algumas lágrimas vieram-lhe aos olhos. Um homem grande, no meio da rua, fazia sinal com os braços e usava um apito agudo. Vestia um uniforme escuro com botões dourados. Marina sabia que êle era um guarda.

Marina ficou alguns instantes olhando para êle. Até quase esqueceu-se de que estava perdida. Ouviu transeuntes falando com o guarda. Êle sorria, gesticulava e respondia delicadamente a todos. Marina começou a gostar dêle.

"Mas essas pessoas não estão perdidas", pensou ela.

Marina estava tão absorta observando o guarda que foi andando até o meio da rua. De repente os auto-

móveis brecaram. Todo mundo voltou-se para ela. Marina estava confusa. Começou a chorar desoladamente. Era triste, ver-se perdida assim, sem ter um amigo que a ajudasse.

Pior do que tudo, o guarda vinha em sua direção.

"Qual é a dificuldade, pequena?" perguntou-lhe êle bondoso. O mêdo desapareceu como que por encanto do coração de Marina.

"Estou perdida!" disse ela; e contou que viera da fazenda... fôra comprar pão, perdeu-se...

"Bem, se você sabe o nome da rua em que mora, posso levá-la para casa agora mesmo." E o guarda sorriu com bondade. "Vamos! aquêle cachorro grande não lhe fará mal; êle só quer brincar."

Marina desceu a rua feliz, mãos dadas com seu novo amigo. Ela sorria agora às crianças que encontrava na rua. E elas sorriam também. Que diferença para ela a volta para casa. O guarda ia conversando e contando sôbre sua filhinha Jane.

"Quero que você vá à minha casa logo, logo, para brincar com Jane." Disse-lhe o guarda.

"Oh, obrigada!" respondeu sorrindo Marina. "Eu sei agora que os guardas são meus amigos. A cidade grande é de fato um lugar amigo, quando tomamos conhecimento dela."

O PODER DA ORAÇÃO

NO litoral paulista, num lugarejo humilde vivia um grupo de crentes. Eram pescadores; viviam longe da civilização.

Não tinham templo, e sentiam necessidade de uma casa onde se reunissem para os trabalhos do Senhor.

Um dia, não vendo meios de conseguir dinheiro para a construção do templo, os crentes resolveram entregar o problema inteiramente nas mãos de Deus. Assim, uma tarde reuniram-se todos na praia e lá, olhos voltados para o firmamento, permaneceram horas em oração: "O' Deus! precisamos de um templo para o teu trabalho. Manda-nos os meios necessários! Aqui só esperamos das tuas mãos! Esperamos a tua resposta certos de que tu atenderás!"

Depois de algumas horas de firme e fervente oração, os crentes recolheram-se a suas casas para se abrigar de uma grande tempestade que se aproximava.

Armou-se um temporal, um dos mais fortes já presenciados por êles até ali. Durante a noite tôda a chuva caía; os trovões ribombavam; os relâmpagos cortavam o espaço. O vento zunia balouçando as palmeiras. Parecia que o céu vinha abaixo. Pela madrugada tudo se acalmou.

Pela manhã os crentes correram para a praia e... que surprêsa! A tempestade havia trazido para ali tábuas e tábuas com pregos e parafusos de tamanhos diversos. Alguma construção ruíra com o temporal. Os crentes ergueram os olhos para o céu e agradeceram a Deus a resposta pronta e segura de suas orações. Juntaram aquelas tábuas e com elas construíram o templo, havendo ainda uma sobra para a construção de um pavilhão para outras atividades da igreja.

Lá está o templo onde se reunem aquêles humildes pescadores para adorar a Deus; o templo levantado pelo poder da oração!

O PRESENTE DA VOVÓ

MAMÃE terminara a arrumação da cama de Dulcina. A colcha era branquinha, bonita, mas... Não estava bem esticada como nos outros dias! Sabem por quê? — Debaixo dela estava Dulcina! Apesar de o sol já ir alto, e de já haver passado a hora do café, Dulcina, contra os seus hábitos, continuava na cama. Dulcina estava com catapora.

"Você vai ficar deitada", disse a mamãe; "e coberta, sim?"

"Que estará fazendo o Davi?" perguntou Dulcina.

"Eu não sei", respondeu a mamãe. "Preciso ver se êle descobriu algum jeito de brincar sòzinho. Êle está cheio de impertinências desde que contraiu a catapora."

"Posso levantar-me hoje, mamãe? Eu estou sentindo-me bem. Por favor, mamãe, posso?" pediu Dulcina.

"Não querida", respondeu mamãe, enquanto lhe penteava os cabelos. "Dr. Mário acha que você deve permanecer na cama ainda hoje e amanhã. Então, se tudo correr bem, você poderá deixar a cama."

"Está bem", suspirou Dulcina. "Mas não sei o que fazer. Estou tão cansada da cama! A senhora pode ler outra vez para mim, mamãe?"

Mamãe colocou três bonecas de Dulcina ao seu lado; deixou também à mão, lápis e caderno para desenhar e colorir.

"Sinto muito, querida, mas eu não posso ficar esta manhã. Tenho que passar roupa até à hora do almôço. Papai já está sem camisa para trocar. Eu atrasei o meu serviço quando Davi estêve com catapora; agora tenho que tirar o atraso. Descubra você algo para fazer esta manhã enquanto eu estou ocupada."

Mamãe deixou um copo de suco de laranja para Dulcina. Ela tomou-o com um canudinho vermelho. Ela não queria brincar com bonecas; já estava cansada de desenhar. Ao menos, se pudesse levantar um pouco!

Ela ouviu os passinhos de Davi.

Alguma coisa vinha sendo arrastada atrás dêle. Quando chegou à porta do quarto, Dulcina viu que êle puxava um pacote grande.

"Encomenda, senhora!" — disse Davi, como se fôsse um correio.

"Para mim?" — perguntou Dulcina.

"Da vovó!" — disse Davi. "Veio justamente pelo correio."

E êle ergueu o pacote aos pés da cama de Dulcina e esperou para que ela o abrisse.

"Que é isso, Dulcina?" perguntou.

"Eu não sei. Espere e verá!" respondeu ela.

"Quando eu estive doente, a vovó mandou-me alguns aeroplanos de matéria plástica", disse Davi.

Dulcina desatou o pacote, e depois do último papel estava uma colcha bem dobradinha.

A princípio, ficaram desapontados; não sabiam o que dizer. Então Dulcina quebrou o silêncio: "Eu pensei que fôsse alguma cousa de brincar enquanto estou doente."

"E' sòmente uma colcha", disse Davi.

"Bem, vamos desdobrá-la", disse Dulcina. Ela abriu sôbre os seus joelhos.

"Oh!" exclamaram os dois de uma vez.

Não era uma simples colcha. Era como se fôsse uma colcha-álbum, como nunca haviam visto antes. Ao redor, havia animais aplicados: uma girafa vermelha e amarela, um hipopótamo, esquilos azuis que pareciam correr por tôda parte, cavalos e outros animais interessantes.

No meio da colcha havia uma floresta com árvores altas, baixas, frondosas, esguias... Havia trepadeiras; borboletas, flôres e passarinhos. Havia um lago e um sapo numa fôlha de lírio aquático.

Vovó cortara tôdas essas cousas de retalhos de fazenda. Depois costurara-as tôdas num pedaço grande de fazenda branca, e fizera a colcha para Dulcina. "Oh! que interessante!" exclamou Dulcina. "Podemos formar histórias sôbre essas figuras. Veja, Davi, aquêle animal engraçado de orelhas redondas."

"Seu nome é Totó", disse Davi; "e é um rato de campo."

Dulcina disse: "Sabe? êle gostaria de ser uma girafa porque as girafas podem olhar por cima das árvores. E êle quer ser amigo da girafa também."

"Sim", disse Davi; e lá foi continuando a história até que mamãe chegou com a bandeja do almôço para Dulcina.

"Já o almôço?" perguntou Dulcina.

"Sim", disse a mamãe. "Não passou depressa a manhã?"

Quando a mamãe viu a colcha e ouviu a história do Totó, o rato do campo, ela disse: "Que presente mimoso a vovó lhe mandou! E' melhor do que um livro de histórias, não é? E enquanto vocês faziam amizade com Totó, eu dei conta da minha roupa tôda passada!"

ALERTA!

JOSE' DE OLIVEIRA

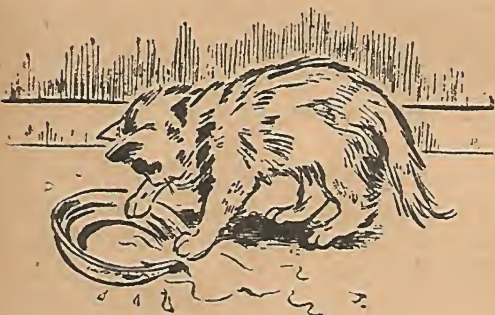
Quando o pecado "atrevido"
Quiser tua vida manchar,
Fala a Jesus, Grande Amigo
Que te pode libertar.

Se o pecado vence a luta
E domina o coração,
Fala a Jesus, Êle escuta
E te dará o perdão.

Um mau dia para Mimoso

MIMOSO era um enorme gato amarelo. Pertencia a uma menina chamada Alice. Mimoso estava sempre caindo em erros. Um dia êle sofreu as conseqüências das suas artes.

Primeiramente, entornou um vaso de flôres na sala de visitas. O vaso quebrou-se e a água escorreu pelo tapête. A mãe de Alice teve que apanhar os cacos do vaso e enxugar o tapête.

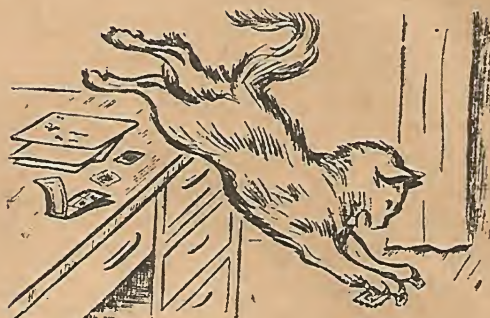
"Mimoso, você é um gato bastante mau!" disse ela.

Mimoso acompanhou a mãe de Alice à cozinha. Enfiou a patinha na sua tijela de leite espalhando-o pelo chão. Então, sentou-se sossegadamente lambendo o leite de sua pata, enquanto a mamãe passava pano molhado no chão.

"Mimoso, você é um gato bastante mau!" disse ela. "Você tem que sair da cozinha!"

Então ela abriu a porta e mandou Mimoso para a saleta onde estava Alice lendo um livro.

Logo se ouviu: "Mamãe, venha aqui! Veja o que Mimoso está fazendo!"

Mamãe correu para a saleta.

Lá estava o Mimoso na sua mesa de trabalho. Tentava tirar alguma cousa de suas patas.

"Que é que há com Mimoso?" perguntou mamãe.

"Êle tem selos de correio grudados nas patas", respondeu Alice.

Mimoso passava por uns maus bocados. Primeiramente tentou esfregar uma patinha no focinho para ver se os selos caíam; depois esfregou a outra patinha. Mas os selos pareciam firmar mais.

"Êle não está engraçado?" disse Alice.

"Mimoso tem tantos selos com êle que dá para ir ao norte e ao sul do país!" disse mamãe.

Nesse instante Mimoso saltou da escrivaninha; começou a correr pela sala, fazendo voltas sôbre si mesmo, com os selos e tudo.

"Êle não está gostando dos selos em suas patas", disse Alice.

"Não, êle não gosta", concordou mamãe. "O pobre gato está assusta-

do. Êle tem sido um mau gato, mas nem por isso devemos deixá-lo assustado."

Alice chamou Mimoso para o seu colo, e segurou-o enquanto a mamãe cuidadosamente soltava os selos.

"Eu acho que Mimoso nunca mais vai pular na sua escrivaninha", disse Alice.

"E' verdade", concordou mamãe.

"Prrr... prrr!" fazia Mimoso como se dissesse: "E' verdade! Nunca mais!"

E nunca mais mesmo!

★ ★ ★ ★

"Mais Bem-aventurado é Dar do que Receber"

(Atos 20:35)

CONTA-SE que numa igreja pequena uma missionária se preparava para partir a fim de trabalhar entre os selvagens. Fêz então um apêlo entre os crentes pedindo presentes para levar aos nativos. Todos se apresentaram com metros de fazenda, roupas feitas, colares, livros, etc. Escolhiam o melhor que pudesse interessar os nativos. Do meio da congregação levantou-se uma velhinha pobre, muito pobre, que vivia quase que à custa da igreja. Era só e já não podia trabalhar.

"Minha irmã", disse ela. "Gostaria de mandar alguma cousa também. Mas, nada tenho de valor a não ser esta colcha de retalhos que eu fiz juntando, desde muitos anos, retalhinho por retalhinho. Se achar que serve, pode levar. E' tudo quanto posso."

A missionária recolheu a colcha para não entristecer a velhinha; mas, no íntimo, achou uma cousa tão feia, tão feia, que não tinha coragem de dar como presente a ninguém. Era uma colcha de variadas côres berrantes, sem gôsto algum na combinação dos tons.

Ao arrumar a bagagem, na mala dos presentes, bem no fundo, bem escondida, foi colocada a colcha.

Ao chegar no ponto final de sua viagem, a missionária foi barrada pelo chefe da tribo. Ela, não sabendo o que fazer, abriu a mala dos presentes e foi oferecendo ao chefe. Êste, a nada ligava importância. A missionária quase se desanimava. De repente, o rosto do chefe se iluminou. Debruçou-se sôbre a mala, e sôfregamente retirou do fundo a berrante colcha de retalhos. Com olhar feliz e um sorriso de contentamento envolveu-se com a colcha e começou a andar no meio do seu povo, orgulhoso e feliz, como se estivesse envolto num fino manto. Virando-se para a missionária fêz-lhe sinal que ficasse.

Assim, graças ao presente humilde da velhinha, o mais feio, o quase desprezado, a missionária conseguiu permanecer naquele lugar e evangelizar os nativos.

JOÃO e Henrique tiveram uma luta —uma de verdade! Uma luta de sôco! Henrique havia ganho e João correu para casa com um ôlho marcado.

Aquela noite, na oração, João orou: "...e que não abençoes Henrique. Êle é um menino mau."

Mamãe perguntou-lhe: "Você acha que Deus está contente com essa oração?"

João pensou um minuto. Então respondeu: "Sim, acho. Deus me ama, por isso naturalmente ficaria triste por me haverem machucado. E Êle castigará Henrique por isso."

"Você quer bem ao Henrique?" perguntou mamãe.

"Eu devia responder *não*", disse João àsperamente. "Eu vou aprender a lutar melhor, e então dar-lhe-ei uma *boa surra!*"

"Se você amasse ao Henrique, gostaria de vê-lo machucado?" perguntou mamãe.

"Não" respondeu João; "eu creio que não — mas, acontece que eu não gosto dêle."

"Mas veja", disse a mamãe gentilmente; "Deus ama Henrique, apesar de você o detestar. Como acha você que Deus se sentiria se vocês tivessem outra luta e o Henrique saísse machucado?"

João pensou um pouco mais. Finalmente olhou para a mamãe e sorriu. "Acho que Deus ficaria contente se não lutássemos mais", disse êle.

"Você quer mudar sua oração?" perguntou a mamãe.

João fechou duro os olhos e sentou-se firme. Então orou: "Querido Pai, ajuda-me para que Henrique e eu sejamos amigos e não briguemos."

Na mesma hora em casa de Henrique, na cama, êle orou:

"...e eu te agradeço ó Deus por cuidares de mim hoje e ajudar-me a bater em João quando tivemos a luta."

"Eu acho que Deus está contente porque eu pude bater em João", disse êle à mamãe.

Mamãe não respondeu. Atravessou o quarto e foi abrir a janela; permaneceu ali olhando as estrêlas brilhantes. Depois aproximou-se da cama de Henrique.

"Se Deus estava cuidando de você na luta", disse ela suavemente, "quem estava cuidando de João?"

Henrique não respondeu; simplesmente sentou-se olhando firme para a mamãe.

"Você vê", continuou a mãe. "Deus ama ao João tanto quanto a você. E quer cuidar dêle também. Mas, em cuidar de todos os meninos e meninas, êle deixa que o ajudemos. Aí está porque nos deu pais e mães. As pessoas adultas ajudam-no a cuidar dos pequenos. Mas, mesmo os pais nem sempre podem estar junto dos pequenos tôdas as vêzes que êles necessitam de auxílio. Assim outras pessoas têm de ajudar também."

Ficaram em silêncio por alguns instantes. Então a mamãe disse: "Você não acha que talvez Deus contasse com você para ajudá-lo a cuidar do João?" Henrique, com a fisionomia carregada, pensava, pensava... Não respondeu. Depois de alguns momentos a mamãe beijou-o, deu-lhe boa noite e deixou-o só.

1. Que cidade do mundo é a primeira na manufaturação da borracha?
2. Quantos degraus há na estátua da Liberdade em Nova York?
3. Qual o metal que não enferruja mesmo debaixo da terra ou da água?
4. Por que tem a flôr *magnolia* êsse nome?
5. Qual a cidade mais extensa do mundo?
6. Quando e onde foi construída a primeira estrada de ferro?
7. De quantas partes se compõe um telefone?
8. Porque os postes telegráficos na Índia são feitos de ferro?
9. Porque as águas das quedas do Niagara são verdes?
10. Onde está a cidade chamada Santaclaus?

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DE JULHO:

1. Na Inglaterra.
2. Islândia.
3. Bolívia e Paraguai.
4. A luz.
5. Abihail.
6. Melão, banana, groselha, amora e pera.
7. Não, era frígio.
8. Alexandre, o Grande; Júlio César, e o duque de Wellington.
9. Mais de dois bilhões.
10. O holandês Antônio Leuwenhock.

JESUS TÃO BELO

Trad. de FRANÇA CAMPOS

Jesus tão belo,
O' rei da Terra,
Nasceste igual a Deus Senhor;
És de minh'alma
Sol, alegria,
Coroa, glória, luz, amor.

Vergéis e prados,
Ou verdes bosques
Belezas mil vêm revelar;
Mais belo e puro
És tu, que fazes
O triste coração cantar.

O sol e a lua
São quais estrêlas
Nos altos céus a refulgir;
Mais resplendente,
Jesus, refulges,
Divina luz a difundir.

Dos céus a glória,
A majestade
Em ti, Senhor, eu posso ver;
De mim mais perto,
Ou mais querido,
O' meu Jesus, ninguém vou ter.

Jesus amado,
O' rei glorioso,
Ao pecador só queres bem,
Pois seja sempre
Louvor e glória
A ti, ó Salvador; amém.